

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Maiara Ferreira

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ariana Batista da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0163-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.636222604>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva, Ariana Batista da (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: avanços, limites e contradições”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de desafios demandados pela Pandemia.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada do processo de ensino e aprendizagem presencial, pelas redes de ensino, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade, vivenciada na atualidade. Dessa forma, não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além do “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel desta, assim como, da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Diante disso, a Educação se consolida como parte importante das sociedades, ao tempo que o “ato de ensinar”, constitui-se num processo de contínuo aperfeiçoamento e transformações, além de ser espaço de resistência, de um contínuo movimento de indignação e esperançar, como sinalizou Freire (2018). No atual contexto educacional, a Educação assume esse lugar “central”, ao transformar-se na mais importante ferramenta para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 35-48.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO LIBERTADORA COMO REFERÊNCIA PARA OS PACTOS E AS LUTAS SOCIAIS NO ENFRENTAMENTO À OFENSIVA LIBERAL

Atair Silva de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226041>


CAPÍTULO 2..... 14

COMPETENCIAS DOCENTES EN EL FORMADOR DE PEDAGOGOS DE CIENCIAS: UNA DISCUSIÓN ACTUALIZADA

Emmanuel Vega Román

Iván Ramón Sánchez Soto

Margarita Marchant San Martín


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226042>

CAPÍTULO 3..... 28

PRÁTICAS E RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS: UM PROJETO INOVADOR COM MULHERES DE ETNIA CIGANA

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226043>

CAPÍTULO 4..... 43

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESFERA DA ONU: POLÍTICAS EDUCACIONAIS EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL

Roger Domenech Colacios

Joseane Maisa dos Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226044>

CAPÍTULO 5..... 53


MULHERES EMPODERA: PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA ESCOLA DE NEGÓCIOS - UNIVALI

Natalí Nascimento

Fabiana de Bittencourt Rangel

Francine Simas Neves

Silvana Schimanski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226045>


CAPÍTULO 6..... 68





PIBIC ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NAS AULAS DE GEOGRAFIA


Adriany de Ávila Melo Sampaio

Antônio Carlos Freire Sampaio

Rosana de Ávila Melo Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226046>


CAPÍTULO 7	75
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM QUÍMICA: USANDO OS MAPAS CONCEITUAIS Daniele de Oliveira Silva Julian Carlos da Silva Pavan  https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226047	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO INTEGRAL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA/ SP Dilene Aparecida Amicci Mascioli  https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226048	
CAPÍTULO 9	90
A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES Wilsione de Jesus Mendes Silveira Uiara Vaz Jordão  https://doi.org/10.22533/at.ed.6362226049	
CAPÍTULO 10	106
A EFICÁCIA OU A REMEDIAÇÃO NAS CONDIÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM REMOTAS: O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS EIXOS DA APROPRIAÇÃO DO SEA – SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA Rosemeire Reis Ribeiro da Costa  https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260410	
CAPÍTULO 11	117
ENSINO HÍBRIDO: EXCLUSÃO SÓCIO-DIGITAL E DESIGUALDADE SOCIAL. REFLEXÕES PARA ALÉM DA SALA DE AULA Marco Aurélio Ferraz  https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260411	
CAPÍTULO 12	134
PROBLEMATIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM Francis Roberta de Jesus  https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260412	
CAPÍTULO 13	146
PAPEL DO NÚCLEO DOCENTE ASSISTENCIAL ESTRUTURANTE (NDAE) NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL Raquel de Mendonça Rosa-Castro Edilma Maria de Albuquerque Vasconcelos Soraya Diniz Rosa Miriam Sanches do Nascimento Silveira Débora Gomes Barros Lisboa Terra	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260413>

CAPÍTULO 14..... 154

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA APOIO DISCENTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 – REVISÃO DE LITERATURA


Emerith Mayra Hungria Pinto
Ana Paula Montandon de Oliveira
Flávia Gonçalves Vasconcelos
Flávia Melo
Janaína Andréa Moscatto
Jivago Jaime Carneiro
Josana Peixoto Castro
Heloiza Helena Rodrigues Martins
José Elias Flosino de Sousa
José Luís Rodrigues Martins
Kelly Deyse Segati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260414>

CAPÍTULO 15..... 163

PERFIL DO ESTILO DE VIDA DOS PROFESSORES DA ESCOLA SÃO VICENTE DE PAULA


Francisco Edson Pereira Leite
João Luiz da Costa Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260415>

CAPÍTULO 16..... 169

PROPOSTA DE APOIO DERIVADA DO DIAGRAMA DE CAUSA E EFEITO PARA TORNAR COMPREENSÍVEL A INTERDISCIPLINARIDADE NO INGRESSO EM GRADUAÇÕES PROFISSIONALIZANTES PÚBLICAS


Rogério Benedito de Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260416>

CAPÍTULO 17..... 177

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: OPORTUNIDADE DE NOVAS APRENDIZAGENS

Yêda Sá Malta
Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260417>

CAPÍTULO 18..... 189

INCLUSIÓN EN ALEMANIA: UNA VISIÓN COMPARADA DE LOS ESTADOS FEDERALES “LÄNDER”

Magdalena Riusech Farrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260418>

CAPÍTULO 19.....	211
A PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS INERENTES AO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA INFÂNCIA	
Carolini Feijó Dutra	
Karla Larissa Trassi Ganaza Domingues	
Fernanda Paco Carvalho Pinto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260419	
CAPÍTULO 20.....	224
AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL EM UM CONTEXTO MUNICIPAL: DESAFIOS DIANTE A PANDEMIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	
Jessica Novôa	
Lusiane Macarini Chaves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.63622260420	
SOBRE OS ORGANIZADORES	233
ÍNDICE REMISSIVO.....	234

A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Data de aceite: 01/04/2022

Wilsione de Jesus Mendes Silveira

<http://lattes.cnpq.br/5404299042958128>

Uiara Vaz Jordão

<http://lattes.cnpq.br/6562075230089108>

Artigo apresentado na disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores e Práticas Educativas do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri, em 2021.

RESUMO: O Objetivo deste artigo é abordar sobre um tema da criança autista, pois viver no mundo deles significam muitas vezes sem obter respostas, é cantar ou fazer algo engraçado, sem o menor sentido para eles. No entanto, muito têm se debatido sobre inclusão na área educacional. A inclusão da pessoa com deficiência na escola regular busca justamente ampliar as possibilidades para construir uma sociedade mais justa, com oportunidades para todos, buscando conquistar sua autonomia. A importância da colaboração do professor nessa luta contra a desigualdade, é de grande valia, mas infelizmente nem todos têm se disponibilizado a adquirir o conhecimento para receber alunos com qualquer tipo de deficiência, principalmente o autismo. É importante que a criança autista adquira a capacidade e a autonomia através da assertividade. Por isso é importante que o professor se informe como pode trabalhar com

a criança autista em sala de aula. a metodologia utilizada será a referência bibliográfica, com autores de nomes relacionada ao autismo, como por exemplo: Mantoan (2011), Paredes (2001), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Criança Autista. Professor. Inclusão. Desigualdade.

ABSTRACT: The purpose of this article is to address the autistic child on a topic, as living in their world often means not getting answers, it is singing or doing something funny, without the slightest sense to them. However, there has been much debate about inclusion in the educational area. The inclusion of people with disabilities in regular school seeks precisely to expand the possibilities to build a fairer society, with opportunities for everyone, seeking to gain their autonomy. The importance of teacher collaboration in this fight against inequality is of great value, but unfortunately not everyone has been willing to acquire the knowledge to receive students with any type of disability, especially autism. It is important that the autistic child acquires the ability and autonomy through assertiveness. This is why it is important for the teacher to find out how he can work with the autistic child in the classroom. the methodology used will be the bibliographical reference, with authors of names related to autism, such as: Mantoan (2011), Paredes (2001), among others.

KEYWORDS: Autistic Child. Teacher. Inclusion. Inequality.

1 | INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um movimento de intensa transformação na escola e de suas práticas pedagógicas, com o objetivo de atender toda a diversidade presente em seu interior e ousar na busca de novas relações educativas, estabelecendo, portanto, novos caminhos e novos indicativos como: curriculares, metodológicos e avaliativos. Porém alcançar a inclusão escolar e fazer com que a aprendizagem de todos alunos sejam satisfatória de acordo com desenvolvimento de cada um, não é um desafio tão simples assim. No qual não basta somente o docente aplicar conhecimentos pedagógicos em sala, sendo que temos que lidar com as diferenças dos alunos com ou sem deficiência, sendo que todos profissionais da instituições escolar estão envolvidos em oferecer o melhor apoio a essas crianças.

Percebe-se que a inclusão escolar tem um grande desafio pela frente é de fazer com que os profissionais sejam capaz de reconhecer e valorizar as diferenças, fazendo com que as crianças não sejam discriminadas e nem segregadas, especialmente aqueles com deficiência. (MANTOAN E PRIETO, 2006)

A educação inclusiva da oportunidade a diversidade para enriquecer os processos de aprendizagem, contribuindo assim para o melhoramento da qualidade da educação. Com isso Mantoan e Prieto (2006) relata que a educação inclusiva tem uma visão de educação comum ou da educação, baseando numa heterogeneidade e não na homogeneidade, fazendo com que cada aluno tenha sua capacidade de interagir, motivar e experiência pessoal única, levando a diversidade de uma capacidade do deficiente. Cabe aos cursos regulares ter um currículo onde os alunos do ensino comum aprendam com os professores a trabalhar com adaptações curriculares, além de acompanhar o desenvolvimento de cada aluno.

É nesse aspecto que a inclusão faz parte da educação, onde se podem buscar soluções para amenizar um problema que ainda não está sendo aceito, de maneira geral. A escola precisa tomar medidas para a sua melhoria, buscando aprimorar sua estrutura física e facilitar a entrada dos alunos com deficiência, não apenas como números, mas, integralmente diante do seu direito de frequentar o espaço escolar e adquirir o seu direito de aprender.

O autismo é conhecido como Espectro Autista (TEA) que é definido como uma síndrome comportamental, levando ao comprometimento do desenvolvimento motor e psiconeurológico, dificuldade a cognição, etc. Muitas vezes a criança autista tem déficits na comunicação e na interação social, podendo um repertório restrito. De acordo com Paredes (2001) a pessoa com autismo tem a necessidade de expressar seus sentimentos de maneira que se relaciona com mundo. Caso ao contrário a criança autista não conseguira interagir socialmente e - isso acarretará grande frustrações, como por exemplo: ansiedade, tristeza, etc.

Os desafios maiores são de convencer os pais, principalmente os que têm filhos excluídos das escolas comuns, de que precisam fazer cumprir o que nosso ordenamento jurídico prescreve quando se trata de direito à educação. Os professores devem sempre ser os guardiões desse direito e apoiar os pais em suas dificuldades de compreendê-lo e de exigí-lo a todo custo. (MANTOAN, 2011, p. 35)

Cabe a escola buscar maneiras satisfatória para ajudar a criança a se desenvolver da sua maneira, ou seja, capaz de lidar e conviver com outras crianças. É preciso que o professor também esteja preparado e saiba compreender a criança. O professor precisa ir além de um transmissor de conhecimento, na escola, promover reflexões, resgatar valores e socializar. Hoje pode se dizer que a escola é considerada a maior responsável pela educação e formação dos indivíduos e o professor é o intermediário.

Este estudo tem como objetivo geral compreender o processo de Inclusão da criança autista na Educação Infantil, observando as possibilidades e dificuldades que norteiam o ensino; analisar as políticas que regem a Educação Inclusiva para os alunos com TEA; descrever a importância da interação entre educador e aluno autista.

O trabalho será de cunho bibliográfico, desenvolvido a partir de materiais elaborados e publicados por alguns autores, as técnicas abordadas foram através da leitura de obras de autores como MANTOAN, MELO, PIETRO, PIRES, SANCHES, TORRES, entre outros, os quais objetivam encontrar respostas para que haja um consenso aos problemas ocasionados durante o processo de inclusão de alunos com autismo na escola regular. Para tanto, o método dessa pesquisa qualitativa é baseado na definição, intuição e criatividade no decurso da pesquisa, adotando uma postura que dê ênfase aos conceitos teoricamente fundamentados, e fazendo uma síntese relativa dos resultados revelados por este método.

2 | HISTÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAS DAS CRIANÇAS COM TEA

Este tema é de suma importância, pois se tem notado a grande inserção de criança autista na educação infantil. Sendo que através deste estudo, possa possibilitar um conhecimento diferenciado na perspectiva de melhorar a visão sobre as dificuldades que o educador tem ao vivenciar experiência com um aluno autista, sendo um tema atual, onde abrange um estudo para o ensino da educação infantil, ser trabalhado de maneira diferenciada e com resultados satisfatórios.

É importante ressaltar que a criança autista precisa de metodologia diferenciada, onde o professor pode trabalhar com atividades que variem com cada dificuldade do aluno. (VYGOTSKY, 1997). A criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) é fazer com que sejam colocadas no ensino regular, ou seja, na Educação Infantil.

O aluno TEA em sala de aula deve ser oferecido atividades com significados para estimular o desenvolvimento e as habilidades de todos, ou seja, fazer com que as crianças se possam participar de todas as atividades.

Conhecemos a palavra autista com origem do grego que tem seu significado próprio e com isso as crianças autistas vão reagindo ou respondendo ao mundo que a rodeia. Muitas vezes o autista vê o mundo como não faz sentido, que estão fora dos padrões e dos símbolos que estão interligados a vida de como são compreendida as crianças. Por isso é importante as experiências sensoriais que estão na mente a toda hora através de uma língua estranha que ela nunca ouviu. Com isso o autista começou a ter descrição através do Leo Kanner, em 1943, que descreveu em seu artigo sobre o Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of disturbances of affective contact), na revista *Nervous Children*, n. 2, p. 217-250. Marinho e Merkle (2009, p. 6.086). Leon ainda trouxe informações sobre o isolamento autístico, onde a criança tem anseio obsessivo pela preservação da rotina, que denomina o autista, ou seja, as crianças autistas podiam ser incluídas nos casos de comprometimento orgânico.

De acordo com Gaiota e Teixieta (2018) as crianças com autismo apresenta prejuízo ou alterações básicas no seu comportamento, afetando na comunicação e com isso acontece o atraso levando ao desenvolvimento das habilidades que aparecem nos primeiros anos de vida.

O transtorno do espectro autista é estimado através 1% e 2% de crianças e adolescentes em cada o mundo, conforme diversas pesquisas internacionais realizadas nos Estados Unidos, Europa e Ásia. O acontecimento do autismo é grande no sexo masculino, afetando cerca de quatro meninos para cada menina agredida. (GAIOTA E TEIXEIRA, 2018, 02.)

O autismo tem como característica de se manifestar antes dos três anos de idade, em que começa a aparecer um dos primeiros sinais que é a sua habilidade social. Brito diz que, "autista é praticamente incapaz de desenvolver uma relação com outras pessoas, ou seja, ele não consegue interagir com o meio social e com isso comprometendo a comunicação". (BRITO, 2015)

O aluno autista tem a características e condutas que são agressivas ou heteroagressivas, impulsividade, entre outras que forma definidas pela Organização Mundial de Saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. (MANTOAN, 1997). Com isso as crianças autistas em seu psicossociais tem uma características que está relacionada as pessoas do meio em que vivem, ou seja, as dificuldades que estão relacionadas ao interpessoais e ao meio em que interagem.

De acordo com Klin (2006, p. 24) o autista é uma criança com um desenvolvimento grave, capaz de levar ao predicamento da capacidade de comunicar e interagir. Quando os sintomas agravam os sintomas podem variar amplamente.

Quando a criança autista chega na escola é preciso ter uma visão diferenciada da educação comum, capaz de fazer com que a heterogeneidade e a não homogeneidade podem chegar a capacidades, o interesse, a motivação e a experiência pessoal até a diversidade que está dentro do normal. Esses sintomas é mais comum e faz com que o

autismo seja reconhecido precocemente, com isso os sintomas podem ser reduzidos e o desenvolvimento e a aprendizagem pode acontecer. (KLIN, 2006, 30)

De acordo com Klin (2006) ainda relata que a criança TEA apresenta um desenvolvimento neurológico que estão presentes no nascimento ou no começo da infância. Na infância a criança autista desenvolve: o autismo infantil, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, entre outros.

A grande maioria dos pacientes autistas partilha das mesmas dificuldades citadas anteriormente, resultando em situações bem particulares. Apesar de ainda ser chamado de autismo infantil, pelo diagnóstico ser comum em crianças e agora até em bebês com menos de dois anos, os transtornos são condições permanentes que acompanham a pessoa por todas as etapas da vida.

O comprometimento intelectual, visual, fonoaudiólogo do autista é preciso que sejam estimulados por parte daqueles que estão acompanhados na escola, levando o professor da turma ou profissional ter que acompanhar o aluno durante o período de aula.

Percebe-se que os bebês autistas têm um grande déficit no comportamento social, tendem a evitar o contato visual e se mostram pouco interessados na voz humana. A criança autista pode se sentir incomodada por pequenas mudanças em sua rotina diária, o que pode resultar em violentos ataques de raiva. Na escola a criança autista resiste em aprender ou praticar uma nova atividade, sendo essa uma grande dificuldade para a adesão da criança a u programa de tratamento. (GAIOTA E TEIXEIRA, 2018, p. 52)

O desenvolvimento da criança autismo há atraso na comunicação social, o que faz parte do critério diagnóstico do TEA. Com isso, o choro pode ocupar um lugar que seria da linguagem. (GAIOTA E TEIXEIRA, 2018, 02.)

Os alunos com ou sem deficiência em sala de aula o professor deve prestar atenção no trabalho pedagógico, pois deve ser oferecido com qualidade levando a criança com TEA a desenvolver integralmente e com isso prosseguir nas atividades escolares, onde alcançarão o maior êxito no processo de aprendizagem. De acordo com Santos (2008) a criança autista tem um desenvolvimento da aprendizagem que faz com que o professor se adeque ao sistema de comunicação a cada aluno. Com isso o aluno vai ser avaliado de acordo com o grupo que está inserido, com idade global, e no desenvolvimento e nível de comportamento. Cabe ao professor identificar as necessidades de cada criança e com isso criar um plano individualizado e personalizado numa potencialidade da criança explorada. “Com isso o tratamento do transtorno do espectro autista é baseado em estudos científicos controlados e realizados há décadas em diversos centros de pesquisa, como no Estados Unidos, Canadá e Europa”. (GAIOTA e TEIXEIRA, 2018, p. 57)

Em sala de aula segundo Gaiota e Teixeira (2018) toda criança autista apresenta situações do dia a dia, como por exemplo: disputa de brinquedos, ou seja, situações corriqueiras e com isso acontece várias áreas cognitivas, com funções executivas para planejar estratégias de ação, numa linguagem capaz de transferir sentimentos, de

explicar e negociar. A maior dificuldade que a criança autista apresenta é entender que no ambiente seja realizadas leituras dos sinais sociais, que muitas vezes desorganizam e não compreendem o que irá acontecer. Por isso cabe ao professor realizar um trabalho em sala de aula com a criança autista técnicas de prevenção de desorganização, antecipar o que vai acontecer, reduzir a estimulação ambiental, histórias sociais, entre outras. (GAIOTA e TEIXEIRA, 2018, p. 40)

3 | A CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em 1970 no Brasil a educação de crianças de 0 a 6 anos passou a adquirir um novo estatuto no campo das políticas e sãs teorias educacionais. Tanto creches e pré-escolas, tomaram umas grandes proporções, e com isso os governos tiveram que instalar a pós-abertura política que realizaram investimentos para que a educação das crianças ampliasse seus direitos dessa faixa etária.

Segundo Barbosa (2006):

A educação das crianças pequenas foi desenvolvida vários projetos por meio de ações envolvendo diversos ministérios e a Legião Brasileira de Assistência (LBA). O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) considera como criança a pessoa até os 12 anos. (BARBOSA, 2006, p. 15).

Crianças pequenas são expressões oriundas da literatura italiana e adaptada em português, ou seja, a criança pequena ou pequenininha, de 0 a 3 anos, que são turmas de berçário e maternal, e as crianças maiores, de 4 a 6 anos, do jardim-de-infância e o pré.

Em 1988 a Constituição Federal ocorreu avanços no que se refere aos direitos da infância, as crianças e os jovens são sujeitos de direitos e proclama a necessidade da oferta de atendimento em educação infantil. No artigo 7º, inciso XXV, relata os direitos e as garantias individuais e coletivas, assegurando o direito ao atendimento gratuito os meninos e às meninas, desde o nascimento até os 6 anos, em creches e pré-escolas.

Segundo Barbosa (2006):

A LDB lembra que a educação infantil está presente no capítulo da educação básica, isto é, juntamente com os ensinos fundamental e o médio, o que aponta para a necessidade de articulação e não de subordinação entre eles. Um importante marco foi demonstrado uma visão mais ampla dos processos pedagógicos necessários nessa faixa etária. (BARBOSA, 2006, p. 16).

O governo nos últimos anos aprovou a lei e criando políticas de financiamento da educação que não favoreciam a ampliação e a classificação da educação infantil.

Em 1990 a educação ampliou e modificou sobre a pré-escola, ou seja, tiveram inicio as pesquisas sobre a creche. Além de exigir da educação infantil um posicionamento de seu papel e que a pesquisa fosse ampliada de forma a responder o que venham sendo colocadas.

O surgimento das instituições de educação infantil está relacionado com o

nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser encontrado nos séculos XVI e XVII. As escolas eram parecidas com as de hoje, onde aconteceram várias possibilidades como: na Europa a sociedade foi descoberta novas terras, surgimento de mercados, entre outros. A Igreja também foi importante para a alfabetização, onde os religiosos disputavam entre católicos e protestantes, os dois se esforçaram para garantir que seus fiéis tivessem um mínimo de domínio da leitura e da escrita.

Os surgimentos das escolas infantis trouxeram várias idéias sobre o que constituía uma natureza infantil, também intervenção dos governos e da filantropia para que a criança fosse transformada. Com as creches e pré-escolas davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades. (CRAIDY, 2000, p. 15)

Vale ressaltar que a educação de crianças pequena envolve dois processos importantíssimos que é o: educar e cuidar. Porque a criança nessa idade precisa de carinho, segurança e atenção para sua sobrevivência.

As crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. As crianças no mundo não seriam possível sem atividades para cuidar e educar que estão presentes nelas. (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 16).

É importante cuidar das crianças pequenas, pois através das atividades voltadas para os cuidados primários: sono, higiene, alimentação, etc. .A escola deve prover ambientes acolhedores, seguros, alegre, adultos bem preparados, entre outros. Cuidar significa estar preocupada com a organização dos horários e funcionamento da creche que seja compatível com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, etc. A criança vive com as pessoas e as coisas Dodô mundo vai levando-a atribuir significados àquilo que a cerca.

A educação infantil tem enfrentado o debate entre um duplo caminho. Por um lado, o de transformar-se em uma estrutura assistencial comprometida somente com a "guarda e custódia" de crianças pequenas. Por outro lado, o de se transformar em um período escolar mimético, em enfoques e exigências de aprendizagens, da etapa seguinte (um adiantamento do Ensino Fundamental). (ZABALZA, 1998, p. 17).

Ao longo dos anos a infância vem evoluindo, ou seja, a infância pode ser adotada como um dos indicadores do desenvolvimento cultural, de civilização, dos povos. Hoje nota-se que a educação infantil é indispensável na sociedade. Porque tanto as creches e pré-escolas devem constituir um espaço de descoberta do mundo para um sem-número de crianças. É importante cumprir a responsabilidade social de compartilhar com as crianças esta descoberta tão instigante não é pouco coisa.

Em 1996, a LDB sofreu inúmeras emendas, também as leis estaduais e as leis municipais decorrentes das federais devem sempre ser adaptadas a ela. A LDB são leis recentes a respeito da infância que definiu uma nova doutrina em relação as crianças que

é a doutrina da criança como sujeito de direitos.

Na escola a organização e o desenvolvimento baseiam-se em seu currículo, que mantém representado em documentos formais e concretiza-se na prática pedagógica diária, as brincadeiras enriquecem esse currículo, podendo ser proposta na própria disciplina, trabalhando assim o conteúdo de forma prática e no concreto.

De acordo com Cunha (2012, p. 55) o aluno autista não adquire autonomia necessária é importante que o profissional seja capaz de auxiliar o aluno em sala de aula. É importante TEA seja assegurado suas dificuldades dos profissionais do dia a dia, assegurando o direito, as situações desafiadoras como falta de profissional capacitado e que muitas vezes são negadas a educação inclusiva caracterizando ao desrespeito ao trabalho com as crianças com o tipo de transtorno. É na educação infantil que a aprendizagem do TEA perpassa por dificuldades de raciocínio, aceitação que estão presentes em sala de aula. As crianças autistas muitas vezes são anuladas em seu potencial que necessita ser explorado e lapidado, além de retirar o direito ao desenvolvimento de encerrar os fluxos e vínculos de comunicação que são tão difíceis de construir ao universo da criança.

[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem; toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas; aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular; [...] construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos. (UNESCO, 1994)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é determinante para as formas como as questões da infância e adolescência, devem ser tratadas, sendo promulgado em 1990, após uma larga mobilização de entidades do campo da infância e dos direitos humanos, o Estatuto da Criança e do Adolescente é a referência central no processo de promoção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes no país. Tratados como sujeitos de direitos cuja proteção integral deve ser assumida como prioridade absoluta, crianças e adolescentes ganham visibilidade na cena pública no Brasil pós-redemocratização através do Estatuto. (BRASIL, 1990)

Portanto, quando se observa as diferentes necessidades que caracterizam a vida dos sujeitos da educação exprime-se nas diferentes atribuições conferidas aos mesmos: alunos, professores, gestores, familiares, sendo excencial o apoio de todos, para que seja diferenciado o aprendizado das crianças com ou sem autismo na instituição escolar.

A inserção do aluno autista na escola vem mostrando uma visão diferente da educação comum, baseada na heterogeneidade e não na homogeneidade, considerando que cada aluno tem uma capacidade, interesse, motivações e experiência pessoal única, quer dizer, a diversidade está dentro do “normal”.

O autismo pode ser considerado um transtorno de desenvolvimento grave que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir. O Transtorno do Espectro Autista,

afeta o sistema nervoso. O alcance e a gravidade dos sintomas podem variar amplamente. (KLIN, 2006)

Os sintomas mais comuns incluem dificuldade de comunicação, dificuldade com interações sociais, interesses obsessivos e comportamentos repetitivos. O reconhecimento precoce, assim como as terapias comportamentais, educacional e familiar podem reduzir os sintomas, além de oferecer um pilar de apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem. (KLIN, 2006)

Sendo que tem pais que demoram para buscar ajuda para seus filhos, mesmo com a ajuda da escola, existem famílias que não aceitam a situação de ter que enfrentar novos desafios, negando até mesmo procurar profissionais capacitados para ajudar a criança. Pois o diagnóstico precoce ajuda muito no desenvolvimento e aprendizado da criança com autismo.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresenta desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância. São elas: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger (KLIN, 2006). A grande maioria dos pacientes autistas partilha das mesmas dificuldades citadas anteriormente, resultando em situações bem particulares. Apesar de ainda ser chamado de autismo infantil, pelo diagnóstico ser comum em crianças e agora até em bebês com menos de dois anos, os transtornos são condições permanentes que acompanham a pessoa por todas as etapas da vida.

4 | A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE O EDUCADOR E A CRIANÇA AUTISTA

O papel da escola impacta a Identidade dos Profissionais que ali atuam, ou seja, são impactos significativo das diferentes formas como a organização do trabalho docente interfere em seu cotidiano e em sua atividade docente. (SIEMS, 2010, p. 147)

O papel do docente no processo de desenvolvimento de escolas para todos e de promoção da inclusão leia-se, no combate à exclusão educacional vulneráveis tem nos empurrados em direção a tentativas de desenvolvimento deste perfil, e alguns consensos já começam a emergir... (RODRIGUES, 2006, p. 230 – 231)

Espera-se hoje que a professora seja capaz de compreender e praticar o acolhimento à diversidade e esteja aberta a práticas inovadoras na sala de aula. No novo perfil, a professora deve adquirir conhecimentos sobre como conhecer as características individuais (habilidades, necessidades, interesses, experiências etc.) de cada um de seus estudantes, a fim de poder planejar aulas que levem em conta tais informações. (RODRIGUES, 2006, p. 231)

Alguns estudos na área de educação inclusiva que adotaram a pesquisa-ação como metodologia, ou seja, iluminam que, quanto mais a professora conhece seu(sua) aluno(a)s (interesses, habilidades, necessidades, história de vida etc.) e incorpora este conhecimento no planejamento das estratégias de ensino a ser adotadas para ensinar o conteúdo curricular, maiores serão as chances de promover a participação de cada aluno (a) na atividade de sala de aula, a inclusão e o sucesso escolar de todos. (RODRIGUES, 2006, p.231)

Em uma aula inclusiva, é importante que o professor não aborde conteúdo curricular de uma única maneira para toda a turma. Como por exemplo: ela escolhe o tópico que será lido por todos ao mesmo tempo, e depois individualmente cada aluno(a) responde a questões escritas no quadro, ou o professor de aula expositiva sobre um tema e pede a todo(a)s aluno(a)s que realizem os exercícios do livro sem se comunicar entre si. (RODRIGUES, 2006, p. 231)

Vale ressaltar que a aula inclusiva visa responder à diversidade de estilos de aprendizagem na sala de aula; então, qualquer ação de desenvolvimento e aperfeiçoamento de práticas de ensino e aprendizagem de professor(a) para a inclusão deve ajudá-lo a refletir sobre formas de levantamento de informações sobre seu(sua)s aluno(a)s e planejamento de diversas atividades que abranjam os estilos de aprendizagem individual. (RODRIGUES< 2006, p.231)

O professor é diariamente desafiado a corresponder às novas expectativas projetadas sobre ele, apesar da carência de recursos materiais, das limitações das renovações pedagógicas e da escassez de material didático, componentes de um quadro gerado pela crise econômica e pelos cortes orçamentários. Quanto aos professores que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais, os problemas se intensificam. (FACION, 2009, p. 143)

Por isso que, segundo Sá (2002), os processos formativos devem incorporar diferentes estratégias e ações pedagógicas, levando em conta a diversidade de situações colocadas pelo cotidiano das escolas. Nesse contexto diverso e amplo, os professores devem se posicionar como sujeitos do processo de formação permanente. Embora pareça relativamente utópico, é comum ouvir que alguns professores são resistentes a essa prática inclusiva, e alguns não têm tempo para realizar tal tarefa, já outros não disponibilizam de tempos para aprimorar os conhecimentos, tornando-se, assim, um pouco resistentes a inclusão. Esse panorama é real e os profissionais da educação precisam rever suas práticas e adequá-las satisfatoriamente.

Os professores das classes inclusivas podem precisar aumentar suas habilidades no manejo dos relacionamentos entre professor e aluno. Por isso, que a capacitação formal é recomendada para aqueles professores que têm dificuldades quanto a aquisição das habilidades para construir relacionamentos entre aluno e professor, através de abordagem de comunicação (STAINBACK & STAINBACK, 1999, P. 346).

Muitos professores acreditam que a formação em serviço vai assegurar – lhes o preparo de que necessitam para ensinar todos os alunos e a concebem como mais um curso de extensão de especialização com um certificado para efetivar a inclusão escolar. Acreditam que os conhecimentos que faltam para ensinar as crianças com necessidades educacionais especiais referem à conceituação, etiologia, aos prognósticos que só precisa aplicar métodos e técnicas específicas para a aprendizagem escolar aconteça.

Para obter êxito, o professor precisa adequar sua intervenção à maneira peculiar de aprender de cada um de seus alunos, em respeito às diferenças individuais e para cumprir a finalidade de intervenção educativa escolar. (CARVALHO, 1998, p. 04).

Segundo Perrenoud (2002): “É preciso durante a formação inicial fazer um balanço entre o tempo destinado aos saberes disciplinar e o tempo destinado à análise das experiências de campo”. (p. 44)

Freire (1985) diz que: “a quem se deseja educar, a quem se quer ajudar para que se eduque”. (p. 158). O professor tem um papel fundamental no processo de inclusão, pois é ele que responde diretamente pela aprendizagem nas salas de aula. Deve ser destinados aos professores várias horas de estudo, de preparação de aulas, orientações e suporte no período de trabalho escolar, mas ainda há muito o que fazer para a formação em serviço seja realizado dentro das unidades escolares.

Mas vale ressaltar que o professor também são aprendentes. Levando em conta a diversidade e as diferenças que compõem o corpo do docente da escola. O professor deve respeitar as diferenças de percursos, pois, apesar destes profissionais compartilharem experiências semelhantes, cada um reage de acordo com as características de sua personalidade, seus recursos intelectuais, emocionais, afetivos, seu estilo de aprendizagem, crenças, experiências pessoais e profissionais, entre outras. (FIGUEIREDO, 2002, p. 144)

E para tanto, faz-se necessário que o professor realize uma análise constante do aluno, por meio de um processo de interação eficaz entre professor-aluno e aluno-aluno, a fim de reconhecer as competências e necessidades educacionais específicas.

Sendo assim, espera-se do professor uma postura proativa, conforme se lê em (2010, *apud* Fernandes 2011, p. 214):

Oferecer a perspectiva de que grande parte dos problemas enfrentados pelas crianças com necessidades educacionais especiais são comuns às dificuldades apresentadas por crianças consideradas normais e que são decorrentes de processos pedagógicos inadequados;

Prever formação teórica sólida a docência no ensino fundamental no que se refere aos diferentes processos e procedimentos pedagógicos envolvidos tanto no “saber” como no “saber fazer”;

Oferecer formação que possibilite a compreensão global do processo educativo em escola regular que responda à heterogeneidade de alunos, contemplando suas diferenças, entre elas a das crianças com necessidades educacionais especiais;

Não cristalizar características das crianças com necessidades educacionais especiais como se elas fossem inerentes à condição de deficiência e não resultantes de relações sócio-históricas vivenciadas pela criança;

Contemplar formação sobre estratégias metodológicas e procedimentos pedagógicos específicos decorrentes das diferentes necessidades educacionais especiais.

Por fim, o educador deve realizar trabalhos em oficinas ou laboratórios de aprendizagem, possibilitando a criação e participação efetiva no processo de construção de conhecimento. Dentre os exemplos de trabalhos desenvolvidos destaca-se a realização de ateliê de expressão oral e escrita e museu de artes com obras dos alunos (CARVALHO, 2008, p. 64-72).

Aliás, essas adaptações no fazer pedagógico são denominadas de Adaptações Curriculares. Acerca destas, Gonzáles (2002, *apud* Fernandes, 2011, p. 176) a ideia é que a flexibilização/adaptação curricular seja uma prerrogativa para o respeito à pluralidade de ritmos e estilos de aprendizagem presentes em sala de aula, contrariando a crença tradicional de que todos os alunos aprendem da mesma forma, com as mesmas estratégias metodológicas, com os mesmos materiais e no mesmo tempo/faixa etária. Ou seja, tomar a educação como processo que deixa de estar centrado nas dificuldades para priorizar as capacidades de aprendizagem do aluno, evidenciadas por suas características e singularidades pessoais.

Os professores, em seu processo formativo devem, tanto, ir além da aquisição dos conhecimentos e dos saberes disciplinares, e incorporar, vivências e valores inerentes aos princípios da inclusão, e este “ir além” implica em ser capaz de conhecer-se a si mesmo e de descobrir o sujeito em cada um de seus alunos. (PIRES, 2006, p. 55)

Mesmo que apresente diferenças na maneira como essas crianças irão aprender, é necessário que o educador seja um mediador importantíssimo no desenvolvimento e aprendizado, fazendo com que torne possibilidades favoráveis para que o ambiente escolar seja agradável e que contribua para um melhor aprendizado dessas crianças. Sendo que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dispõe em seu Art. 3º, sobre que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (BRASIL, 1990)

Sendo que o profissional que trabalha na área da educação inclusiva, precisa ser

uma pessoa com formação e experiência, buscando sempre se qualificar, sabendo que muitas das vezes é um processo que demonstra várias mudanças, cada criança autista tem suas diferenças e limitações, mas é possível alcançar este processo de forma positiva, no qual possa ter resultados satisfatório e evolutivo educacionalmente, para que supere todas as expectativas relacionadas ao bom preparado do autista, para que seja ativo na sociedade, que possa obter de sua autonomia e que todos os seus conhecimentos sejam de fato potências e práticos na vida cotidiana, podendo ser espontâneo e aceito no meio da sociedade brasileira.

E as instituições de ensino, precisa oferecer um ensino diferenciado e de qualidade, respeitando as limitações e estimulando a autonomia na vida do sujeito autista, considerando que o papel da escola é se adequar e oferecer o melhor desenvolvimento de aprendizagem para este alunado, não ultrapassando seus limites. Portanto, é muito relevante que esses educadores estejam sempre ativos ao aprendizado, se qualificando na área do ensino inclusivo e outros cursos que ofereça um grande aprendizado na vida dos docentes.

É importante a relação pedagógica, portanto, é fundamental no processo de formação da identidade inclusiva do professor, e como essa relação é o encontro com o outro, o conhecimento de si, nos aspectos pessoal e profissional, deve constituir-se um dos eixos importantes de uma estratégia de formação. Passado ao longo período do imperialismo positivista nas ciências humanas, que deixou nas sombras a questão do sujeito, é preciso que as agências formadoras trabalhem, nos cursos de formação de professores, com uma abordagem compreensiva e ontológica do ser humano e da formação que favoreça, em cada professor-formando, uma autentica análise existencial e a construção de uma identidade inclusiva. (PIRES, 2006, p. 56 – 57)

Vale ressaltar que o professor formador, o estudante que se prepara para enfrentar o desafio da docência, não pode contentar-se em ficar num nível de “sensibilização” com a questão da inclusão; também não pode olhá-la como uma utopia que não podia ser realizada, nem olhar a pessoa com deficiência como um entrave, um estorvo, um problema na classe. A formação do docente hoje não pode deixar de situar-se à diversidade e às diferenças, devendo sintonizar-se, necessariamente, com o paradigma da educação inclusiva, e as concepções do professor, suas ações pedagógicas, suas interações educativas não apenas devem ser compatíveis com os princípios da inclusão como ele próprios devem ser identidades docentes inclusivas. (PIRES, 2006, p. 60)

A compreensão do indivíduo exige que o processo formativo do professor se desenvolva numa perspectiva heurística. Cada aluno elabora seus próprios códigos de interpretação da realidade. O professor, ao levar em conta o caráter subjetivo e criador das variáveis que configuram a vida do aluno, deve ser a escola não como um espaço de transmissão do conhecimento, mas como um espaço de interações e experiências compartilhadas, onde o aluno mobiliza seus próprios esquemas para interpretar a realidade. (PIRES, 2006, p. 60-61)

A formação deve considerar, sempre, as mudanças educativas do sujeito, que se constroem num processo de desenvolvimento e interação, e só através desta interação é que é possível conhecer, compreender e ressignificar as peculiaridades e características de sua forma de ser. O professor que se prepara para o enfrentamento da diversidade e das diferenças, na sala de aula, precisa levar em conta, sempre, tanto as variáveis situacionais e contextuais do aluno, como o cenário ou marca de convivência entre aluno e professor, que compreende o conjunto de interações vivenciadas no processo educativo. (PIRES, 2006, p. 61)

É importante ressaltar que preside ao processo de inclusão precisa transformar-se em suporte e matriz de ultrapassagem de dificuldades e de aquisição de novas capacidades humanas. Em outras palavras, é uma interação centrada nas possibilidades concretas de mudança muitos professores, de boa-fé, adotam atitudes assistencialistas que raramente favorecem a educação do aluno, mas, pelo contrário dificultam o desenvolvimento de um processo de inclusão consciente e responsável. (PIRES, 2006, p. 65)

Quando o educador é capaz de captar o verdadeiro significado do ato de assumir-se, tanto a construção de si mesmo quanto o processo educativo e, sobretudo, no processo de inclusão de seus alunos, ele será capaz, no respeito à autonomia do ser do educando (FREIRE, 2006, p. 67), de criar as condições para que as mudanças aconteçam. Esse ato de assumir, decide assumir, expressa a superação de uma crise, já que está superação traduz uma ruptura das modalidades de ser, a passagem de um estado de incerteza, dúvida e risco para um outro nível, que confronta o sujeito com sua capacidade de superar-se e de dar continuidade a seu próprio ser.

O professor precisa compreender que o aluno autista, estabelece um vínculo afetivo e comportamental à medida que ele é inserido no ambiente escolar. No entanto, vale ressaltar que o professor precisa adquirir um conhecimento prévio do aluno que ele irá receber em sala de aula, e como esse professor pode fazer isso? A resposta é bem simples, se dispor a conversar com a família a fim de compreender em como lidar com o aluno em específico, com isso, estreitar os laços com a família é de grande valia.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pode-se concluir que independente do diagnóstico precoce ou não, a criança autista tem o direito de frequentar a escola regular (sem que sua matrícula seja recusada), em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, em todo o território nacional, bem como a receber os apoios necessários para o atendimento às necessidades específicas individualizadas ao longo de toda a trajetória escolar.

A inclusão de crianças autistas na escola, ainda é observada com um pouco de receio, pois muitas instituições de ensino ainda não se adequaram para receber todo e qualquer aluno com deficiência, assim demonstra falhas que levam ao questionamento

quanto à estrutura institucional escolar brasileira o que provoca insegurança no professor que não sabe como agir, ou porque, resultante de um protecionismo familiar, acabam chegando à escola sem as condições mínimas favoráveis à inclusão.

A educação continuada de todos os profissionais envolvidos no sistema de inclusão tem se mostrado a principal forma de se conseguir êxito nos resultados, através dela os problemas podem ser discutidos avaliados tornando assim uma inclusão não só para alunos, mas para todos os envolvidos no sistema.

Concluímos que há muito que se fazer para que haja verdadeiramente um processo inclusivo nas escolas brasileiras e para que isso seja feito de forma correta e com seriedade, as instituições educacionais precisam estar dispostas a se adequar de maneira significativa

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Davi. Fases da Inclusão. **Ideia Criativa**. 20 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://ideiacriativa.eadplataforma.com/discussao/27/1/4-fases-da-inclusao/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

BRASIL. Congresso. **Estatuto da criança e do adolescente Juiz de Fora**. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora. 1990.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CUNHA, Eugênio. Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar- ideias e práticas pedagógicas. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

CRAIDY, Carmem, KAERCJER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?**. Porto seguro: Artimed, 2001.

FACION, José Raimundo. **Inclusão escolatesuas implicações 2**. Ed. Ver. E atual. –Curitiba: Ibpex, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GAIOTA, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O reinho autista: guia para lidar com comportamento difíceis**. São Paulo: nVersos, 2018.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. 2006, v. 28, suppl 1 [Acessado 10 Setembro 2021], pp. s3-s11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>>. Epub 12 Jun 2006. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão social: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo. Coleção Memnon, 1997.

MANTOAN, Maria T. E.; PRIETO, Rosângela G; ARANTES, Valéria Amorim. *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. 4. ed. São Paulo: Summus, 2006.

PAREDES, Rita de Cássia Araújo. **O Autismo na Educação Infantil**. Pós-graduação Lato Sensu AVM Faculdade Integrada. Rio de Janeiro – RJ, 2001.

PIRES, José. **Por uma ética da inclusão**. In: MARTINS et.al. **Inclusão: compartilhamento saberes**. petrópolis: vozes, 2006.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão um guia para educadores**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Seguro: Artmed, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 28, 29, 33, 34, 39, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 144, 233

Apoio discente 154, 156, 158, 159, 160

Aprendizagem 9, 11, 31, 32, 33, 36, 40, 41, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 91, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 121, 122, 126, 134, 138, 139, 143, 144, 150, 151, 152, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232

Aprendizagem significativa 75, 76, 77, 82

C

Cálculos 134, 141, 215

Calidad 15, 22, 27, 189, 191, 193, 194

Competências digitais 28, 29, 36, 37, 41

Competencias docentes 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Competências socioemocionais 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186

Contrato social 1, 2, 13

Coronavírus 107, 154, 156, 157, 176, 211, 212, 218, 220

Covid-19 54, 65, 106, 117, 121, 129, 132, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 211, 213, 217, 220, 221, 223

Criança autista 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 101, 103

Currículo 5, 9, 39, 59, 70, 91, 96, 97, 106, 107, 123, 145, 177, 186, 209

D

Desigualdade 2, 10, 54, 56, 65, 90, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 170

Discapacidad 189, 190, 191, 192, 198, 201, 207, 208

Diversidade 4, 5, 10, 69, 70, 73, 91, 93, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 182

E

Educação aberta 28, 29, 31, 32, 39

Educação ambiental 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 83, 84, 85, 86, 87

Educação de adultos 28, 29, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41

Educação integral 83, 84

Educação libertadora 1, 6, 7, 9, 13

Educação matemática 134, 144, 145, 233

Educación por competencias 14, 15, 23, 24, 27

Empoderamento econômico feminino 53, 55, 56, 66

Empreendedorismo feminino 53, 60, 66

Empreendedorismo social 60, 169, 175

Ensino 5, 7, 11, 28, 29, 30, 32, 37, 39, 40, 41, 50, 54, 57, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 91, 92, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 168, 170, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Ensino de química 75, 76, 78, 80, 82

Ensino híbrido 117, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 129

Ensino superior 29, 32, 40, 79, 121, 146, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 233

Escola 3, 11, 12, 37, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 73, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 115, 119, 121, 132, 134, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 145, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 175, 176, 178, 180, 186, 187, 214, 225, 227, 232

Estado 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 46, 88, 103, 106, 107, 110, 114, 116, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 135, 164, 166, 194, 202, 208, 233

Estilo de vida 49, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Estudante pesquisador 68

Estudantes 4, 6, 12, 30, 39, 68, 71, 98, 126, 132, 142, 147, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 178, 180, 182, 183, 184, 185, 217, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 231, 232

Etnia cigana 28, 30, 33, 34, 37, 40, 42

Evasão discente 169

Exclusão 6, 7, 71, 72, 98, 110, 117, 124, 125, 129, 169, 170, 231

Exclusión 189, 190, 205, 207

F

Flexibilidade docente 169

Formação profissional 29, 34, 57, 146, 153, 165

Formación 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 201, 202, 203, 204, 207, 208

Formador de pedagogos de ciencias 14, 15, 20, 22, 23, 24, 26, 27

I

Igualdade de gênero 53, 54, 57, 58

Inclusão 6, 7, 8, 9, 29, 33, 37, 47, 68, 70, 72, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 115, 124, 126, 151, 157, 218, 227

Inclusión 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

J

Jogos 140, 145, 177, 183, 184, 185, 215, 219, 223

L

Länder 189, 190, 191, 192, 194, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208

Lei federal 10.639/03 68

Lei federal 11.645/08 68

Livro didático 68, 70, 71, 72, 73, 106, 109

M

Mapa-conceitual 75

O

ONU 43, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 57

P

Política 1, 3, 7, 8, 9, 10, 13, 45, 46, 51, 52, 56, 57, 66, 85, 95, 124, 128, 129, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 170, 224

Primeira infância 211, 217, 218

Problematização 134, 136, 137, 138, 139, 143, 144, 145

Professor 41, 68, 69, 70, 71, 76, 90, 92, 94, 99, 100, 102, 103, 107, 108, 110, 136, 138, 139, 142, 145, 151, 159, 163, 165, 167, 168, 182, 184, 187, 227, 228, 233

Psicomotricidade 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223

R

Residência multiprofissional 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153

Revisão bibliográfica 75, 76, 107, 218

S

Saúde 86, 87, 89, 93, 117, 118, 127, 129, 132, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 176, 178, 179, 186, 211, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 229, 230, 232

Séries iniciais 134

Sistema Único de Saúde 146, 147

Sociedade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 33, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 56, 59, 66, 69, 70, 72, 73, 90, 95, 96, 97, 102, 117, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 138, 161, 165, 170, 181, 182, 183, 184, 211, 212, 224, 225, 231

Steuerung 189, 190, 193, 194, 209

Sustentabilidade 44, 49, 50, 51, 52, 83, 84, 86, 182

W

Wikipédia 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br